

## Modernidade Revolutions

Clayton Borges

Rubens Gurgel

Victor de Castro

O nome do texto/documentário é inspirado na trilogia hollywoodiana Matrix. No filme, o personagem Neo é convocado por Morpheus a realizar uma escolha: tomar a pílula azul ou a pílula vermelha. No caso da primeira, tudo permanece como está, e Neo segue sua vida imerso numa profunda ilusão. No segundo caso, a ilusão é dissipada e finalmente o personagem tem acesso “a verdade”. A associação com a filosofia platônica é evidente. Na esteira do pensamento clássico idealista, boa parte da filosofia europeia dá sequência a busca da verdade. Mesmo as correntes materialistas, como o marxismo, buscam pela defesa da verdade única, da cientificidade, da objetividade, do progresso. Inspirados pelo roteiro do filme e pelas obras de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida entre outros, nos questionamos se a pós-modernidade coloca em xeque de forma definitiva tais afirmações, ou ainda tropeçamos nas discussões.

As grandes questões são: estamos vivendo os últimos suspiros de uma modernidade, ou os tempos atuais já podem ser denominados de pós-modernidade? Há um movimento intelectual que pode ser chamado de pós-modernismo? Quais são as grandes questões da modernidade que encontram eco nos dias atuais?

As questões problematizam o embate entre o que se convencionou denominar de modernidade e pós-modernidade. De um lado, pensadores que acreditam na razão e na objetividade das ciências. De outro, uma oposição que refuta qualquer positivismo e busca enquadrar no mesmo bojo matrizes teóricas que, embora heterogêneas, são recorrentemente denominadas de pós-modernas, sobretudo aquelas oriundas das filosofias francesas cujas publicações ganharam força a partir de meados do século XX.

Inicialmente cabe a questão: vale a pena falar em conceitos com o prefixo pós, como por exemplo, os termos pós-modernismo, pós-estruturalismo e pós-crítico? Possui valor didático, pragmático, impulsiona o pensar? Não haveria aí uma armadilha generalizante, simplificante, reducionista? Acreditamos que ambas as coisas. Se necessário for tomar alguma posição, seria interessante diferenciarmos pós-modernidade na relação aos tempos atuais, do termo pós-modernismo como movimento intelectual. Por exemplo, modernidade tardia, pós-modernidade, modernidade líquida, hipermodernidade são criações conceituais discursivas

que, sozinhas, não explicam nada, mas se usados de forma contextualizada em um campo do pensar possuem valor como referência do pensamento, desde que devidamente explicitado seus rastros e produção histórica. Necessariamente os termos são simplificações reducionistas, uma vez que é impossível atingir precisamente os autores quiseram afirmar em suas produções, de modo que classifica-los pode ser uma atividade intelectual arriscada. Entretanto, alguns pensadores são capazes de criar discursos que aproximam de forma complexa e potente pensamentos diferentes, criando categorias que potencializam o pensamento para outras questões.

Cabe ressaltar que muitos teóricos que fornecem a estrutura para um discurso pós-moderno, como Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze nunca se posicionaram como pós-modernos e, ainda, recusavam com frequência qualquer tipo de enquadramento das suas produções. Diante disso, ao invés de recorrer a uma generalização, ainda que inegavelmente possua efeitos didáticos interessantes, especialmente quando pós-modernidade se refere a uma *atitude crítica*, a um *êthos*, optamos aqui por problematizar algumas questões e adentrar o debate principalmente a partir da perspectiva analítica de Michel Foucault.

A crítica que Foucault efetua a respeito de conceitos caros à Modernidade, tais como a *Razão* e, em consequência, a racionalidade que esta engendra; o predomínio do conhecimento científico na produção dos saberes ou, ainda, a ideia de um *a priori* do sujeito, não se deve ao fato de pretender ser pós-moderno, mas problematizar, manter uma *atitude crítica* a respeito dos efeitos de verdade que tais processos produziram e continuando produzindo:

Sei que se fala frequentemente da modernidade como uma época ou, em todo caso, como um conjunto de traços característicos de uma época; ela é situada em um calendário, no qual seria precedida de uma pré-modernidade, mais ou menos ingênua ou arcaica, e seguida de uma enigmática e inquietante pós-modernidade [...] mais do que querer distinguir o “período moderno” das épocas “pré” ou “pós” modernas, creio que seria melhor procurar entender como a atitude de modernidade, desde que se formou, pôs-se em luta com as atitudes de “contramodernidade” (FOUCAULT, 2005).

O argumento de Foucault parte da ideia de que, embora ocorram algumas rupturas, há, sem dúvida, um conjunto de continuidades no que se refere a questões que irrompem no que se convencionou denominar de período moderno e, ainda, outras que até mesmo são

intensificadas. Assim, se nos valem aqui dos conceitos de moderno e pós-moderno, é preciso considerar as devidas ressalvas que estas noções requerem, sobretudo a caracterização de pós-moderno – que procede a uma generalização digna de ser colocada em suspenso.

Importante ainda dizer que operar criticamente, para Foucault, se afasta de uma ideia de crítica enquanto polêmica, como é bastante comum no embate entre perspectivas epistemológicas que possuem concepções distintas. A crítica, em Foucault, atua no interior do próprio pensamento, e possui função retrospectiva, isto é, busca compreender o porquê fazemos o que fazemos; não se trata, portanto, de modo algum, de disputar qual conhecimento é o “mais verdadeiro”.

Em um pequeno, mas potente artigo, cujo título tem o formato de pergunta: *Um debate (im)possível?* Alfredo Veiga-Neto (2017) enuncia que o debate entre o pensamento moderno e o pós-moderno, em termos estritos, é impossível, porque são regidos por epistemologias diferentes e, portanto, incomensuráveis: “não há um tribunal epistemológico que sirva igualmente para falarmos de um ou de outro e, mais importante, para decidirmos qual é melhor”. Entretanto, a impossibilidade de diálogo em termos epistemológicos não impede o debate em termos latos, “*desde que* não se estruture, por exemplo, em torno de um elenco de categorias modernas (razão, sujeito, liberdade, consciência, etc.) a favor e contra as quais os grupos debateriam”.

Talvez a questão mais perspicaz pontuada por Alfredo Veiga-Neto em um eventual debate entre modernos e pós-modernos diga respeito a um “entrave de ordem ética e que atinge e amarra em cheio os pós-modernos: se esse paradigma se caracteriza pelo elogio da diferença, pela pluralidade da razão, como vou justificar uma tentativa de demolir outras perspectivas só porque diferem da minha?”. Diante de tal entrave, a sugestão do autor “está no convite que [podemos] fazer para que outros venham olhar de perto como se pensa [em nosso] mundo”. Um trabalho, portanto, de convencimento, ou de propaganda, como queiram... uma vez que em tal perspectiva não é possível um debate a partir de uma “racionalidade dura” que resolva de uma vez por todas a disputa. Outra possibilidade é o questionamento de algumas categorias e referenciais que sustentam a Modernidade. Nas trilhas abertas por Foucault, é possível problematizaremos alguns cânones do pensamento moderno.

Uma doutrina moderna a ser questionada é a resposta para as questões: o que é a realidade? Alguns conhecimentos são mais objetivos do que outros? Como não cair no relativismo? Como explicar a regularidade de alguns fenômenos para além das convenções matemáticas e lógicas? Todo pensamento sistematizado comporta uma metafísica, ou seja, uma explicação sobre o que é o real, e a partir do caminho escolhido advém conceitos que se

articulam e formam uma teoria (ou melhor, discurso) sobre a vida. A herança iluminista, ancorada no potencial da razão como guia da humanidade, prega que o ser humano possui em seu intelecto o aparato que precisa para manipular a realidade. Assim, a racionalidade científica moderna permite uma objetividade transformadora da realidade circunscrita. Não por acaso, o pensamento moderno utilizou inúmeras teorias, concepções científicas, filosóficas com o intuito de transformação da realidade pautada em conhecimentos provenientes da razão.

Voltemos à analogia com o filme: na trilogia, Neo é convencido por um grupo de pessoas que ele é o “escolhido”, nos moldes cristãos. A humanidade foi subjugada por máquinas que adquiriram consciência e poucos rebeldes sobrevivem escondidos em cavernas profundas. Antes da derrocada, a humanidade consegue destruir o Sol, fonte de calor e energia infinita para as máquinas todo-poderosas. O estratagema levou os seres humanos a serem transformados em escravos para a obtenção de calor, presos a máquinas por toda a vida. As máquinas constatarem que a vida de um ser humano era abreviada em estado de cativeiro, pois violentava sua necessidade de ser social. Para resolver a questão, os escravagistas mecânicos criam um programa de computador, denominado Matrix, que “rodava” na consciência dos escravos uma cópia do mundo humano em seu auge, o século XX, anterior à rebelião/revolução que dizimaria a humanidade. O papel dos rebeldes então é detectar pessoas que conseguem resistir ao mundo criado pela Matrix, convencê-las a sair do software através das pílulas, e resgatá-las fisicamente para encorpar as linhas defensivas com táticas de guerrilha. Ou seja, os rebeldes funcionam como verdadeiros vírus de computador. Há uma objetividade e uma verdade a ser descoberta, basta para isso empreender métodos adequados, sistemáticos, não há espaço para dúvidas. A ciência, fruto da modernidade, opera na mesma racionalidade. O pensamento moderno acredita na objetividade e gasta seus esforços na descrição de regularidades, na busca por positividade, por explicações universais e totalizantes, em verdades inquestionáveis, mesmo que provisórias, pois o progresso é teleológico.

No pensamento aqui convencionado de pós-moderno, a realidade é inacessível, pois somente temos os órgãos dos sentidos para chegar nela. Uma vez que não é possível saber com exatidão o que é o real, critica-se não a existência da realidade independente da percepção humana, mas a capacidade da razão de dar conta da complexidade do real. Diante da constatação de que alguns conhecimentos possuem maior regularidade com a realidade do que outros, como as ciências exatas, enfatiza-se os aspectos arbitrários e criativos. Ou seja, mesmo as ciências exatas encontram seus limites, o que deixa evidente os limites da razão.

Entretanto, isso não significa defender o relativismo, pois os diversos conhecimentos estão sempre ancorados num contexto sócio histórico e envolvidos em relações de poder.

As teorias modernas apostam alto no poder de organização conceitual racional, ignorando aspectos irracionais, imprevisíveis, complexos, sensíveis. Na crítica da modernidade destacada em Nietzsche e seus herdeiros, mas iniciada por Kant, somos fruto de uma exacerbação racional que despreza uma característica básica do pensamento humano: todas as ideias se originam no sensível, e boa parte delas não passa pela razão. Se a razão é um "farol" que ilumina muito pouco, a questão sobre como se dá o controle deste farol é anterior às potencialidades da razão. Neste sentido, as criações racionais estão em igualdade de condição, todas as respostas e tentativas igualmente viáveis, sem um corte racional que justifique o reino de uma sobre as outras.

Neste sentido, as escolhas teóricas, científicas e, por consequência, políticas, sociais e educacionais são muito mais fruto de um *ethos* do que uma necessidade a priori, ou seja, se não há imperativos universais, toda e qualquer criação teórica sofre do mesmo mal: sua provisoriedade, fragilidade ante a complexidade, seu processo degenerativo e entrópico, a impossibilidade de transcendência. Se negar tais condições, um conjunto de ideias passa proposição criativa para uma imposição totalitária, correndo muito mais riscos de provocar efeitos destrutivos.

Entretanto, cautelas quanto ao relativismo necessitam ser levadas em consideração. Se a razão é insuficiente para darmos conta do que é entendido como realidade, sem ela tampouco temos ferramentas suficientes para propor qualquer criação. Se a inspiração vem do caos, a organização vem da sistematização propositiva. Tendo em vista que a compreensão plena dos processos de realidade é impossível, não se pode negar que alguns fenômenos possuem regularidade suficiente para que alguns conhecimentos com maior empiria possam ser gerados. São ferramentas de transformar pequenas realidades contextuais que, de tão precisos, dão margem para a fé cega moderna na objetividade controladora. Se por um lado a elevação de tais ferramentas a bússola ética humana têm causado enormes dificuldades à civilização contemporânea, por outro lado a vida sem elas igualmente seria dificultada. Com isto busca-se afirmar que não se trata de cair na armadilha relativista onde se ignora efeitos materiais perceptíveis em favorecimento de malabarismos linguísticos maquiavélicos.

Para deixar claro: para o ser humano, o elo entre as percepções, o pensamento, as ideias e o real é a linguagem. Mediamos nosso pensar e a materialidade com diversas formas de comunicação compreendidas no conceito de linguagem. Levando em consideração que as línguas são criações humanas para potencializar a vida, não podemos ignorar seu poder

performativo. Por outro lado, se não há nada de concreto e natural nesta ferramenta, ou seja, se não há correspondência direta entre o pensamento, a linguagem e a materialidade, fica difícil advogar verdades universais, morais transcendentais, valores únicos. Se por um lado há o risco da imposição totalitária, por outro lado há o risco das imposições linguísticas, o uso antecipado da arbitrariedade dos signos como arma linguística desonesta.

O paralelo com os filmes finalmente se completa. Ao fim do terceiro episódio, Neo já se encontra livre da ilusão Matrix, e quando opera por dentro dela é sempre para sabotar o programa das máquinas e seus planos, sempre com uma capacidade de processamento de dados muito acima dos outros rebeldes colegas, afinal ele é *The One*, o escolhido. Na reta final do filme, no plano objetivo da vida “real”, Neo e seus colegas são encurralados por máquinas de guerra e, quando estão prestes a sucumbir, Neo usa poderes inexplicáveis para desligar todas as ofensivas. Como ele faz isso? Com a força do pensamento? Alguma conectividade resultante da sua ligação prévia? Uma força mística? Qualidade sobrenaturais do corpo de Neo? Nada disso é explicado até o fim do filme. O roteiro é construído de tal forma que a explicação, se houver alguma, cabe inteiramente ao ponto de vista do espectador. Acreditamos que a relação com a pós-modernidade, como aqui trabalhada, e o perspectivismo se apresenta, essencialmente em seu caráter anti-universalista, contrário a metanarrativas, a verdades únicas.

Os três filmes se chamam: Matrix, Matrix Reload e Matrix Revolutions. Há um documentário denominado *Marx Reload*, que reafirma as potencialidades do pensamento marxista para o século XXI. No fluxo desse pensar, e uma vez que a virada de roteiro explicitada acima acontece no terceiro filme, chegamos então ao consenso do nome Modernidade Revolutions, sem necessariamente defender a ideia de que há muitas revoluções ocorrendo no atual estágio da modernidade.

Diante do exposto, algumas questões emergem: a partir das noções de contingência e perspectivismo, como problematizar a regularidade de alguns fenômenos, de alguns experimentos científicos, sobretudo das chamadas “ciências duras”, para além das convenções da lógica científica? Tendo em vista as exclusões, desigualdades, violências, totalitarismos entre tantos outros, é possível pensar em políticas outras para além do embate entre o domínio da racionalidade neoliberal e as correntes teóricas neomarxistas e socialistas?

Na esfera da política, mais especificamente da política econômica, há um intenso debate e troca de acusações entre, de um lado, uma hegemônica racionalidade neoliberal e, de outro, correntes teóricas neomarxistas que possuem certa força acadêmica, mas pouca representatividade política. Não são raras as acusações advindas desses últimos grupos em

relação ao pensamento caracterizado como pós-moderno que, conforme argumentam, além de fragmentar as lutas por demandas sociais, contribui para a manutenção ou reforço do neoliberalismo. Alguns chegam até mesmo a considerar Foucault como um pensador alinhado ao neoliberalismo, sobretudo pela constante “desconfiança” e questionamento que este apresenta em relação ao Estado e, também, por conta de seus escritos sobre o liberalismo que resultaram na obra *O nascimento da biopolítica*. Foucault aponta que o socialismo, embora tenha um extenso *corpus* teórico, não tem uma *arte de governar* própria e foi esse o motivo precípua pelo qual ele analisou o liberalismo econômico.

Em outro momento, recorrendo especificamente ao governo socialista francês do início da década de 1980, o pensador pontua que este tão somente se baseia em um prolongamento das *técnicas de governo* oriundas de governos de direita anteriores. Em que pesem as diferenças conceituais em jogo, o pensamento de Deleuze sobre governo de direita e de esquerda é interessante em relação a essa problemática. Foucault assevera, portanto, que a racionalidade econômica está presente tanto em governos liberais quanto naqueles que se alinham aos ideais socialistas. Nesse aspecto, talvez as políticas econômicas contemporâneas dos países nórdicos possam ser um “bom” exemplo, no sentido que, devido aos efeitos considerados “positivos”, são “adotadas”, “acolhidas” por ambos os grupos, ou seja, enquadradas como políticas “socialistas” pelos grupos socialistas e liberais, obviamente, pelos próprios “liberais”.

Em relação à intensa troca de acusações tanto de um lado quanto de outro sobre os efeitos históricos de tais políticas que resultou em totalitarismos, judicialização da vida por meio de uma governamentalidade biopolítica e tecnologias de segurança que, parafraseando Agamben em *A política da profanação*, atuam não na manutenção da ordem, mas na regulação e gestão da desordem. Não por acaso, Foucault inverte o aforismo de Clausewitz dizendo que mesmo no interior da “paz civil”, “a política é a guerra continuada por outros meios” (FOUCAULT, 2002), porque esta prioriza a guerra infindável contra as possíveis ameaças internas à sociedade, tornando cada cidadão um inimigo em potencial.

Em suma, temos assistido desigualdades de todas as ordens e uma infinidade de mortes resultante de guerras, conflitos sociais e econômicos, desse modo, compreendemos que se trata de um debate complexo e problemático, já que diante de tais acontecimentos é extremamente difícil não impossível fazer menção a qualquer positividade política. Não se trata, contudo, de simplesmente abandonar a discussão. O posicionamento é o da constante desconfiança, tanto das pretensões estatizantes quanto daquelas oriundas de um “suposto” livre mercado. Seguindo a perspectiva foucaultiana, acredita-se na necessidade de

se pensar para além das racionalidades políticas vigentes, uma tarefa demasiadamente complexa.

E como todas estas questões influenciam o campo da educação? Atualmente há um embate entre o neoliberalismo hegemônico e propostas socialistas que dominam o contexto político. Há alternativas? Os teóricos da filosofia francesa contemporânea ajudam a pensar essa questão? É possível pensar em uma educação que escape, em alguma medida, dos modelos criados pela razão iluminista? Em um momento em que a escola parece cada vez mais alinhada à racionalidade neoliberal, é possível pensa-la como um espaço de heterotopias, de resistência e de praticas pedagógicas que promovam o cuidado de si, que por sua vez, pressupõe sempre o cuidado com os outros?

Alguns pontos podem ser destacados de forma preliminar:

- nunca será inútil resistir se há verdadeira rejeição a hegemonia neoliberal que despotencializa vidas da juventude;

- a escola, se alguns aspectos é a mesma, em outros aspectos sofreu mudanças significativas, e não há motivos para acreditar que ela irá se essencializar no estado contemporâneo, ao contrário, onde há poder há operação de resistência e possibilidades de transformações;

- nem sempre as transformações partem de centros de poder estabelecidos, como universidades, secretarias de educação, gestão escolar etc. Vetores de força minoritários podem colocar em circulação novas formas escolares, como os movimentos discentes, por exemplo;

- os movimentos de ocupação secundaristas que ganharam destaque no ano de 2016 em várias cidades e estados do Brasil, com requisições que vão desde reformas autoritárias ao cenário político nacional, são um exemplo significativo que permitem pensar novas formas escolares.

## **Referências:**

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Entrevista com Alexandre Filordi. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=Xk\\_WJOGUhFo](https://www.youtube.com/watch?v=Xk_WJOGUhFo) Acesso em 20/01/2017.

Entrevista com Alexandrina Monteiro: Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Sc-tE9HYOY> Acesso em 20/01/2017.

Entrevista com Alfredo Veiga Neto. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=mL37dVb2N9Q> Acesso em 20/01/2017.

Entrevista com Cesar Candioto. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=AVC2alhN3xI&t=24s> Acesso em 20/01/2017.

Entrevista com Maria Rita de Assis César. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=mL37dVb2N9Q> Acesso em 20/01/2017.

Entrevista com Silvio Gallo. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=8P5jTGveol8> Acesso em 20/01/2017.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Que São as Luzes?** In: **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Editora Forense Universitária, 2005.

MARX RELOADED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gwAarhzopFU>  
Acesso em 20/01/2017.

MODERNIDADE REVOLUTIONS. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=CVeL5EwI8YU> Acesso em: 20/01/2017.

THE MATRIX. Direção: Direção: Irmãs Wachowski. Produção: Bruce Berman. EUA:  
Warner Bros, 1999.

THE MATRIX RELOADED. Direção: Direção: Irmãs Wachowski. Produção: Bruce Berman.  
EUA: Warner Bros, 2003.

THE MATRIX REVOLUTIONS. Direção: Direção: Irmãs Wachowski. Produção: Bruce  
Berman. EUA: Warner Bros, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Um debate (im) possível. Disponível em:  
<http://www.michelfoucault.com.br/files/Um%20debate%20im-poss%C3%ADvel.pdf> Acesso  
em 20/01/2017.